

CINE SPLENDID

Esta peça é composta por 17 quadros, cuja sequência – apesar de sugerida - pode ser estabelecida de acordo com cada processo de montagem.

PERSONAGENS (de acordo com aparições em cada quadro)

Seu Ramon e o rádio

Família Gonzalez: Marta (mãe), Henrique (Filho) e Delegado Pedro Diaz (Pai)

Crianças brincando: Roberto, Jorge, Rocio e Juan Flores

Natália e Mauro

Flores (um comerciante) e Elias (um cliente)

Família Flores: Flores (pai), Maria (mãe), Rubi (filha), Juan (filho)

Henrique (filho do delegado Pedro Diaz), Luzia (sua namorada), e o vigia de um parque

Uma família classe alta: pai, mãe, filha e filho

Aleksander (um pyrague)

Eduardo e Manuel (comissários de investigação)

CENÁRIO:

Poucas cadeiras, uma mesa e projeções.

CINE SPLENDID

Assunção, 23 de setembro de 1961, fim de tarde.

O Senhor Ramon tenta escutar a rádio

Interior de uma casa.

Senhor Ramon (velho aposentado) escuta o rádio.

RÁDIO: São 18 horas e 30 minutos. E daqui a pouco não perrrrcam, no Cine Splendid: às 19:00 horas noticiário mundial. Às 19:30, noticiário do Paraguai. E às 20 horas, apenas para os corajosos... "Bomba na selva do terror", mais um filme imperdível! (Dingo) Personalidades nacionais e da missão diplomática norte-americana assistiram à inauguração do moderno laboratório eletrônico do idioma inglês no ministério da Defesa Nacional. O objetivo é aprimorar o estudo do idioma no nosso país, a fim de possibilitar maior intercâmbio entres agentes nacionais e oficiais do Estados Unidos da América. Essa é mais uma iniciativa do nosso grande governo contra o comunismo. Dentre alguns instantes o ilustríssimo presidente General Stroessner e o embaixador dos Estados Unidos da América provam o moderno laboratório. (Dingo). Todo diesel tira mais com shell diesoline (Dingo) Na Ferbazar você encontra Rifle calibre 22 norte americano. Não pense duas vezes! Ferbazar! Os melhore preços de Assunção.

Uma polca irrompe na cena.

Senhor Ramon tenta escutar seu rádio, mas não consegue devido à música que toca demasiadamente alto.

Ele se irrita.

Será que ele volta?

Interior de uma casa.

Uma polca toma conta da cena.

Marta (40 anos) costura.

Tempo.

Sem que ela o veja, Henrique (18 anos, filho de Marta) chega e a observa de longe.

Aproxima-se sorrateiramente. Suspense.

Henrique encosta em Marta, que se assusta. Um olha para o outro. Suspense.

Eles se abraçam e, depois, conversam, mas não podemos escutá-los: suas vozes estão abafadas pelo som da polca.

Henrique se prepara para sair. Marta o impede. Ele diz alguma coisa. Ela o abraça. Ele, como que para distrai-la, inicia passos de dança ao som da polca. Eles riem.

Pausa. Marta, novamente preocupada, beija a testa de Henrique. Ele vai se distanciando.

Ela o acompanha com o olhar.

De súbito, a música para.

HENRIQUE: Que estranho, eles pararam mais cedo.

MARTA: Então seu pai deve estar chegando!

HENRIQUE: Daqui a pouco eles devem continuar.

Henrique, mais uma vez, se prepara para sair.

MARTA: Henrique, você nem comeu nada!

HENRIQUE: Como no caminho.

MARTA: Tem certeza que vai sair?

HENRIQUE: Não se preocupe, mãe.

MARTA: Você devia esperar seu pai. Ele disse pra você não sair. Que queria que você estivesse aqui. Não quero que ele brigue com você de novo... (Pausa). Que filme vai passar hoje?

HENRIQUE: Não me lembro.

MARTA: Como assim não se lembra? Você não disse que era um filme imperdível?

HENRIQUE: Sei lá, mãe. Vou encontrar com o pessoal. Eles marcaram no cinema.

Deve tá passando um filme legal...

MARTA: Não acredito que você vai ao cinema.

HENRIQUE: Onde mais eu poderia ir?

MARTA: Não gosto nem de pensar...

HENRIQUE: Fica sossegada.... Quando chegar te conto todo o filme, tá bom? Tim-tim por tim-tim. Prometo.

MARTA: Promete mesmo? Promete?

Henrique sai sem responder.

Esse jogo não é para crianças

Em um terreno baldio.

Crianças brincam.

Jorge (10 anos), Juan (8 anos) e Rocio (10 anos) estão em fila na horizontal, com o pé esquerdo suspenso, olham fixamente um ponto à frente, enquanto se equilibram no pé direito. Permanecem imóveis por algum tempo.

Roberto (12 anos) está de fora do jogo e observa os demais, em pose ereta e rígida.

ROBERTO (*em tom autoritário*): Quero ver quem será o primeiro a desobedecer ao mestre! Quem é o mais fraco aqui! O mestre mandou todo mundo pular de um pé só.

Todos obedecem.

ROBERTO: Agora o mestre mandou todo mundo ficar parado na pose!

Todos ficam novamente imóveis, se equilibrando em um pé só.

Roberto circunda os outros garotos como um chefe do exército. Toca em Jorge, tentando desequilibrá-lo. Ele se mantém firme.

ROBERTO: Soldado Jorge! Muito bem! Passou no teste. O mestre mandou você desfazer a pose.

Jorge obedece.

ROBERTO: O mestre mandou você testar os outros soldados.

Jorge encosta em Juan, que se desequilibra, e apoia o pé – até então suspenso - no chão.

Rocio contém o riso.

Antes que Roberto perceba, Juan tenta se equilibrar na pose novamente.

JORGE: Mestre! Ele colocou o pé no chão.

ROBERTO: Soldado Juan, você colocou o pé no chão?

JUAN: Não, mestre!

ROBERTO: Soldado Juan, você está mentindo para o mestre?

JUAN: Não, mestre.

ROBERTO: Então você está dizendo que o soldado Jorge está mentindo.

JUAN: Eh.... Sim!

JORGE: Seu mentiroso. Desordeiro. Você que tá mentindo!

ROBERTO: Calados! O mestre mandou todos descansarem. E o mestre mandou o soldado Juan ficar na pose. De um pé só. E de braços abertos. Sem relaxar!

Pausa. Rocio sai da pose

Juan tenta obedecer, mas às vezes desequilibra, toca os pés no chão.

ROBERTO: O mestre mandou você sair. Você não passou no teste, soldado!

JUAN (*sem se desfazer da pose*): Mas eu ainda tenho uma chance.

ROBERTO: O mestre não mandou você falar.

JUAN: Àquela hora você disse que eu teria duas chances se eu pagasse a prenda...

ROBERTO (*interrompendo-o*): O mestre não mandou você falar.

JUAN: Mestre, posso falar?

ROBERTO: O mestre não mandou você falar. O mestre mandou você sair.

Juan tenciona os músculos das faces como se concentrando para não chorar. Mesmo assim, tenta manter a pose.

JORGE: Ele vai chorar...

ROBERTO (*veementemente*): Você vai chorar? Você não pode chorar. Soldado não chora! Se chorar vai provar que você é um fraco! Se chorar estará definitivamente FO-RA!

JORGE: Vai chorar! Vai chorar! Vai chorar!

Rocio contém o riso.

Roberto se aproxima de Juan, observa-o por alguns instantes. Juan tenciona ainda mais o rosto.

ROBERTO (*junto a Jorge*): Vai chorar! Vai chorar! Vai chorar!

Juan, ainda na posição desconfortável, tenciona-se mais. Contém a explosão do choro, que escapa reprimida em sons abafados, e espasmos musculares.

Todos observam Juan.

Roberto olha fascinado.

Jorge e Rocio riem em silêncio.

Tempo.

ROBERTO: Já chega, Juan. Pode descansar.

ROCIO: Gente, vamos brincar de outra coisa?

JORGE: Não vamos parar o jogo por causa de um imbecil como ele...

Juan continua na pose. Agora não contendo o choro, que sai num misto de lamúria e grito.

ROBERTO: O mestre mandou você sair do jogo! E calar a boca.

ROCIO: Roberto, ele só tem sete anos!

ROBERTO: O jogo é assim.

ROCIO: Ele ainda é carta branca.

ROBERTO: Aqui não tem carta branca. Esse jogo não é pra crianças! Entendeu?

Entendeu? Soldado Jorge, pode dar uma lição nele.

Silêncio.

Jorge empurra Juan, que, já no chão, curva-se sobre si. Seu choro finalmente explode.

ROCIO: Juan, por que você não vai ficar com a Rubi?

JUAN: Rubi é burra. Sempre está de castigo. Eu não quero ser burro. Quero ficar aqui.

ROBERTO: Você pode ficar com a gente, se ...

ROCIO: Olha lá o que vai dizer, Roberto!

ROBERTO: É só uma troca, Rocio! Nada demais.... Você pode ficar aqui, se prometer que vai entrar escondido no cinema hoje com a gente e ver o filme de terror todinho.

JORGE: Eeeh!

JUAN: É impossível! Doutor Afonso é bravo. Ele não deixa.

JORGE: Eu dou cobertura pra vocês. Coloco todo mundo pra dentro sem o Doutor Afonso ver.

JUAN: Ele pode ficar bravo.

ROBERTO: Você está com medo de ver o filme?

JORGE: Ele tá com medo!

ROBERTO: Ou é isso.... Ou...

(Pausa)

O mestre mandou te pegar!

Juan foge. Os outros correm atrás dele.

O Senhor Ramon continua tentando escutar a rádio

Senhor Ramon fala alto ao telefone.

SENHOR RAMON: Oi? Eu sou Ramon Duarte. Me escuta? Moro na rua Palma esquina com Chile. Gostaria de fazer uma reclamação.... Pode falar um pouco mais alto, por gentileza? ...Sim. Uma reclamação... Ramon Duarte.... Sobre a polca...Essa música que sempre toca! Perturba a vizinhança inteira! Já é a quarta vez que eu ligo. Eu poderia falar com o delegado Pedro Diaz? Ele é meu vizinho, e com certeza vai resolver meu caso.... Você pode dizer então que eu liguei, por favor?

Não esquecer

Natália (20 anos) fala enquanto se arruma: passa maquiagem, coloca uma peruca diferente do tom original do seu cabelo. Por último, coloca óculos de grau. Ritmo frenético como se estivesse em um interrogatório.

NATÁLIA: Meu nome é Maria Tereza. Maria Tereza González. Maria Tereza Gonzalez. 9826609. Nasci na cidade de Conceição. Tenho 23 anos. Nasci no dia 03 de março de 1938. Sou solteira. Filha de José Gonzalez e Antônia Gonzalez Garcia. Moro com meus pais em concepção. Na Brugada, n. 18, com Mercedes. Vim comprar um ar condicionado. Aqui é mais barato comprar essas coisas e tem mais opção. Aproveito pra passear. Em Conceição não tem muita coisa pra fazer. Vim com meu irmão, Júlio González. Estamos de folga. Eu trabalho com comércio. Trabalho na Merceria Ña Rosa. Fica em Conceição, na Cândido, n.45, com Marechal Lopes. Trabalho lá há dois anos. Antes eu trabalhava com minha mãe, fazendo entrega de bolos. Dona Antônia Gonzalez Garcia. Meu pai, seu José Gonzalez, é caseiro de um sítio. Trabalha para o senhor... Senhor Romeo Schneider. Romeo Schneider. Vivemos na Brigada, n.18, com Mercedes. Maria Tereza Gonzalez. 03 de março de 1938. 23 anos. 9826609. Filha de José Gonzalez e Antônia Gonzalez Garcia. Vim com Júlio Gonzalez. Ña Rosa. Na Cândido, n.45, com Marechal Lopes. 9826609.

Canhota

Interior de uma casa.

Sentada à mesa, Rubi (10 anos) estuda concentrada: anota as palavras em seu caderno rosa. Tenta memorizá-las. Parece ter dificuldades. Maria (35 anos, mãe de Rubi) entra desesperada em direção a Rubi. Agarra a mão esquerda da menina, com a qual ela escrevia sua lição.

MARIA: Você quer se arruinar? Você quer nos arruinar? Já disse pra nunca mais fazer isso! Nunca mais! De castigo! De castigo!

Maria sai. Rubi está paralisada. Maria retorna com uma corda nas mãos. Rubi chora.

Cada casa e seu pai

Interior de uma casa.

Marta costura.

Pedro (50 anos, marido de Marta) chega.

Marta, que estava concentrada, se assusta.

MARTA: Não vi você entrando.... Você encontrou com o senhor Ramon?

PEDRO: Não.

MARTA: Ele acabou de sair daqui. Queria falar com você. É sobre a polca...

PEDRO: Que polca?

MARTA: Essa que toca sempre.

PEDRO: Ah! Já disse que não posso fazer nada. É o procedimento. Ele vai acabar se acostumando.

MARTA: Que procedimento mais estranho.... Tocar polca em um lugar de trabalho...

PEDRO: Já disse que é um sinal de alerta, Marta. Coisas de segurança. Ou a vizinhança preferiria ter uma buzina tocando?

MARTA: Sinal de alerta.... É muito estranho.

PEDRO: Marta, coisas do ofício. Você não entende! E nem tem que entender...

MARTA: Eu sei.... Eu sei. Me desculpa.

(Silêncio)

MARTA: O senhor Ramon me pareceu muito abatido. Diz que não consegue dormir com aquela música tão alta. O som vai direto pra casa dele... Coitado!

PEDRO: São ordens, já disse.

MARTA: De quem?

PEDRO: Lá de cima. Não posso fazer nada...

MARTA: Conversa com seu superior.... Não é justo com o senhor Ramon que vive bem ao lado...

PEDRO: Vou ver o que dá pra fazer! Tá bom? Vou conversar com o Chefe. Já que o senhor Ramon insiste tanto.... *(Pausa)* Tá sozinha?

MARTA: Roberto deve tá lá fora com os outros meninos da rua. Daqui a pouco chega pra comer alguma coisa. Ele já tinha feito todo o dever de casa, então eu deixei que ele brincasse até agora *(Pausa)*. Saiu da delegacia mais cedo hoje?

PEDRO: O doutor liberou. *(Pausa)*. E o Henrique?

Pausa.

MARTA: Chegou do trabalho e tornou a sair.

PEDRO: Outra vez, Marta? E o que você disse a ele?

MARTA: Ele tinha combinado com o pessoal do trabalho...

PEDRO: Você não disse pra ele me esperar?

MARTA: Ele tava com pressa. Ia encontrar os amigos...

PEDRO: Eu disse que ele não podia arredar o pé daqui hoje. Que eu queria conversar com ele....

MARTA: Eu sei, mas ele...

PEDRO: Eu não vou aceitar ninguém desrespeitando o que eu digo.

MARTA: Pedro, ele é jovem... Só foi se divertir um pouco com os amigos...

PEDRO: Marta, você não pode mais passar a mão na cabeça dele. Ele já tá bem grandinho. É um homem. Você sabe muito bem que eu não quero que ele se meta onde não deve. Cada casa tem um pai, e cada pai sabe como pôr ordem na sua própria casa. O pai sou eu! Para viver sobre esse teto, ele tem que obedecer às minhas regras. Eu só quero o melhor pra ele e pra todos nós.

MARTA: Ele não vai chegar tarde. Te garanto que ele volta assim que terminar a sessão, ele me prometeu que não ia ficar até tarde...

PEDRO (*cortando-a. Aturdido*): Sessão? Sessão de quê, Marta?

MARTA: Parece que vai passar um filme imperdível hoje...

PEDRO: O Henrique foi ao cinema?

MARTA: Eu não queria que ele fosse. Falei pra te esperar. Mas você sabe como é essa idade, Pedro.

PEDRO: Ele não podia ter ido, Marta.... Eu tenho que ir atrás dele.

MARTA: Por quê?

PEDRO: Tenho que encontrar esse menino o mais rápido possível.

Pedro vai saindo.

MARTA: Qual é o problema, Pedro? O que tá acontecendo?

Pedro sai sem responder. Marta vai atrás.

No escurinho

Em um parque.

A cena está escura.

Um vigia, com sua lanterna, passa de tempos em tempos no local.

Primeira ronda do vigia: um casal jovem sentado: Henrique e Luzia (16 anos), um ao lado do outro. Bem-comportados.

Novamente escuro. Cochichos do casal podem ser escutados.

Segunda ronda: ele, num flagrante, tira a mão da perna dela.

Escuro. Cochichos e risinhos.

Terceira ronda: O casal está abraçado.

A luz volta-se completa sobre eles.

Eles se assustam.

VIGIA: O que vocês estão fazendo?

HENRIQUE: Esperando

VIGIA: Esperando o quê?

HENRIQUE: Esperando a sessão das 8.

VIGIA: Profissão?

HENRIQUE: Técnico de engenharia elétrica.

VIGIA: E você?

HENRIQUE: Ela é estudante.

VIGIA: Não perguntei pra você, perguntei pra ela.

LUZIA: Sou estudante

VIGIA: Moram onde?

LUZIA: Eu, em Villa Morra.

VIGIA: E você?

HENRIQUE: Eu moro aqui pertinho.

VIGIA: Pertinho onde?

HENRIQUE: Casa 25, Nossa Senhora da Conceição.

VIGIA: Na casa do delegado Pedro Diaz?

HENRIQUE: Sou filho do delegado Pedro.

VIGIA: Me desculpe, não sabia.... Não é bom ficar na rua numa hora dessa! Podem te confundir com algum vagabundo...

LUZIA: A gente não sabia.

VIGIA: Como não? O pai dele deve ter ensinado muito bem o que se deve e o que não se deve fazer... Ainda mais com uma moça que deve ser de família!

LUZIA: Sou de família sim! Sou filha de Manoel Macedo.

VIGIA: Mas um motivo pra você não ficar na praça numa hora dessa... Seu pai sabe que você está aqui... acompanhada?

HENRIQUE: Não se preocupe, não vamos mais fazer isso.

VIGIA: Assim espero.

O disfarce

Natália está vestida com o mesmo disfarce de antes.

Mauro (21 anos) também se disfarça enquanto acontece o diálogo.

(Em disparos, sem respiro)

MAURO: Nome?

NATÁLIA: Maria Tereza Gonzalez.

MAURO: Filha de quem?

NATÁLIA: José Gonzalez e Antônia Gonzalez Garcia.

MAURO: De onde?

NATÁLIA: Conceção.

MAURO: Fazendo o que aqui?

NATÁLIA: Passeando

MAURO: Não trabalha?

NATÁLIA: Folga.

MAURO: Trabalha onde?

NATÁLIA: Comércio.

MAURO: Qual?

NATÁLIA: Merceria Ña Rosa

MAURO: Localização.

NATÁLIA: Cândido, n. 45, com Marechal Lopes

MAURO: Idade?

NATÁLIA: 23

MAURO: Data de nascimento?

NATÁLIA: 03 de Março.

MAURO: Pisciana?

(Pausa)

NATÁLIA: Vai te foder!

MAURO: Você não sabe seu próprio signo?

NATÁLIA: Não é hora de piada.

MAURO: Se você nasceu no dia 03 de Março, deve ser de peixes. Sem vacilo!

(Pausa)

NATÁLIA: Já podemos ir?

MAURO: Comeu alguma coisa?

NATÁLIA: Não estou com fome.

(Pausa)

MAURO: O pássaro disse pra gente se encontrar no Splendid.

NATÁLIA: Tá louco?

MAURO: É o melhor lugar: escuro, cheio de gente, central.... Pode ter certeza que ninguém vai encontrar a gente por lá. O pássaro entrega os documentos e a gente pega o último ônibus pra concepção.

(Pausa)

NATÁLIA: E a Clara?

MAURO: Não sei se ela consegue chegar lá.

(Pausa)

MAURO: Tá na hora, Natália!

NATÁLIA: Maria Tereza. Maria Tereza Gonzalez!

MAURO: Maria Tereza! ..Treina comigo no caminho?

NATÁLIA: Pode ser

(Pausa)

NATÁLIA: Nome?

MAURO: Júlio Gonzalez.

NATÁLIA: Família?

MAURO: José Gonzalez e Antônia Gonzalez Garcia

Eles saem.

A queda

Mercearia de Flores (40 anos).

No alto da parede, um porta-retrato com uma foto posada do general Stroessner.

Flores faz contas na sua máquina de calcular.

Tempo.

Venta. O porta-retrato estremeça e se inclina para um dos lados.

FLORES: Merda!

Ele sai de cena. Retorna com uma escada. Sobe até o porta-retrato e tenta consertá-lo.

Porém, o porta-retrato se inclina como antes. Mais uma tentativa, e novamente o porta-retrato se inclina. Então, Flores, em um acesso de raiva, joga o porta-retrato no chão.

Elias (55 anos), um cliente, que chegara há um tempo ali, apenas o observa.

Flores se dá conta da presença do outro. Recompõe-se. Desce das escadas. Sai de cena, levando as escadas. Volta.

FLORES: O que vai querer hoje, Elias?

Elias, que esteve imóvel durante todo tempo, continua apenas olhando Flores.

Então, com um olhar perscrutador ao mesmo tempo que indignado, olha para o porta-retrato caído, se aproxima lentamente do objeto, e depois olha fixamente para Ulisses Flores, que não sabe o que dizer.

Suspensão.

ELIAS: Que pena, Flores.... Vai ter que trocar o vidro.

FLORES: Foi sem querer. Tá vindo uma tormenta, esse vento...

ELIAS: Eu conheço uma ótima vidraçaria. Fica em Palma.

FLORES: Elias.... Há quanto tempo somos vizinhos? Você me conhece...

ELIAS: Há Bastante tempo!

FLORES: Bastante tempo!

ELIAS: Mas hoje em dia a gente nunca sabe. Tenho escutado falar de cada corja...

Suspensão.

ELIAS: Claro que não é o seu caso. Você é um homem de bem, de boa família! Nos conhecemos há muito tempo!

FLORES: Te conheço tanto que até guardei um diário da tarde pra você!

ELIAS: Era justamente o que eu procurava. Pode anotar, por favor.

FLORES: Dessa vez, é por conta da casa!

Elias pega o jornal e se prepara para sair.

ELIAS: Ah! Atlântica Vidros, é o nome.... Eles são muito rápidos. Quem sabe se você não levar agora mesmo, até amanhã o porta-retrato não fica pronto?

Elias sai devagar, com o jornal.

FLORES (*chamando Elias*): Elias!... Eu amo o general.

ELIAS: Não só você, Flores. Todos nós. Todos nós.

Elias sai. Flores se apressa em limpar os cacos de vidros e embalar, com cuidado, o porta-retrato quebrado.

A lição

Interior de uma casa.

Sentada à mesa, Rubi está com a mão esquerda atada ao pé da mesa por uma corda. Se esforça para escrever com a mão direita. Faz sua lição, com raiva.

RUBI: É errado escrever com a mão esquerda. Uma boa menina deve sempre escrever com a mão direita e respeitar a sua mãe. É errado escrever com a mão esquerda. Uma boa menina deve sempre escrever com a mão direita e respeitar a sua mãe...

Juan (irmão de Rubi) entra.

JUAN: Rubi, se os meninos vierem até aqui me procurando, diz que não estou.

RUBI (*como se não o escutasse*): É errado escrever com a mão esquerda...

Juan se esconde debaixo da mesa, e lá permanece durante toda a cena.

Rubi continua sua lição.

Flores (pai de Rubi e Juan) entra, segurando o porta-retrato embrulhado.

FLORES: Alguém veio aqui? Alguém me procurou?

Olha pelas janelas.

Rubi continua sua lição, com raiva.

FLORES: Rubi, você tem que ir agora mesmo até Palma. Vidraçaria Atlântica. Manda consertar isso. Diz que é urgente. Eles têm que garantir que farão o mais rápido possível!

RUBI: Mamãe me colocou de castigo.

FLORES: E o Juan? Onde está?

RUBI: Se você me tirar do castigo, eu posso ir lá, pai.

FLORES (*chamando*): Maria! Maria!

Maria (mãe) entra.

MARIA: Que foi isso?

FLORES: Maria! Alguém veio aqui, atrás de mim? Você escutou alguma coisa?

MARIA: Flores! O que tá acontecendo?

FLORES: Preciso que Rubi vá até a vidraçaria Atlântica e conserte isso o mais rápido possível. E você me ajude a fechar as janelas!

MARIA (*pegando o embrulho de Flores*): Que isso, Flores?

RUBI: Mamãe, eu posso ir até lá!

MARIA: Você está de castigo! Não vai sair de casa até completar sua lição, e eu ter certeza de que você nunca mais vai fazer aquilo, entendeu, Rubi? Entendeu? (*Vendo o porta-retrato quebrado, já desesperada*): Flores, o que é isso? Quem fez isso? O que tá acontecendo?

RUBI (*continuando sua lição, com raiva*): Uma boa menina deve sempre escrever com....

MARIA: Rubi! Calada!

RUBI (*mais alto*): sempre escrever com a mão direita...

MARIA: Flores, o que foi que você fez?

FLORES: Não posso esperar.

MARIA: Eu vou até a vidraçaria Atlântica.

FLORES: Melhor a Rubi! Ela é criança... Criança geralmente brinca, quebra as coisas, faz coisa errada...

MARIA: Rubi, obedeça a seu pai. Você tem que ir a Vidraçaria agora mesmo.

RUBI: Estou de castigo mamãe.

FLORES: Estou mandando!

RUBI (*com muita raiva*): Uma boa menina deve sempre escrever com a mão direita e obedecer a sua mãe e a seu pai.

De repente, a campainha toca. Todos se assustam.

Juan se encolhe mais ainda debaixo da mesa, abafa a respiração ofegante.

Maria sai lentamente de cena.

Escuta-se um barulho de porta abrindo, e uma breve conversa do lado de fora.

Maria volta, abatida.

Tempo.

MARTA: Era pra você, Flores.

FLORES: Quem?

Silêncio.

MARTA: Mas eu disse que você não estava. Eu disse que você tinha ido ao cinema. Foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

FLORES: Você não perguntou quem era?

MARTA: Era um estranho...

Permanecem em silêncio.

Éramos felizes

Interior de uma casa classe alta.

A polca toca bem distante.

Uma família se prepara para sair.

Mantém um sorriso no rosto, constante e duro, como em um comercial feliz.

Quase dançam.

PAI: Vocês ainda não estão prontas?

FILHA: Você prefere o laço lilás ou rosa?

MÃE: O lilás.... ! Gabriel, alpargatas?

FILHO: Está calor.

MÃE: Não. Não.

PAI: Pode trocar agora mesmo!

FILHA: Você acha que eu coloco pulseira ou colar?

PAI: Nós vamos chegar atrasados à sessão do filme.

MÃE: Quero chegar ainda com as luzes acesas!

PAI: Eu não quero perder o noticiário.

FILHA: Pulseira ou colar?

MÃE: Colar.

PAI: Eu estou esperando no carro!

FILHA: Esse com pedrinha?

PAI: Vocês têm 1 minuto! 1 minuto!

MÃE: Prefiro aquele com pingente.

FILHA: Esse?

MÃE: Realça a cor dos seus olhos.

FILHA: Não gosto tanto desse.

MÃE: Juan! Essa calça está amarrotada, meu filho!

FILHO: Ninguém vai reparar.

FILHA: Que horror, Juan!

MÃE: Nem pensar.

FILHO: Vai estar escuro.

FILHA: Nem pensar.

MÃE: Com pingente estava mais bonito.

FILHA: Não gosto tanto.

MÃE: Realça seus olhos!

Buzinas do lado de fora.

FILHA: Juan! Já é pra descer!

MÃE: Viu minha bolsa? Aquela preta pequena.

FILHO: Assim está bem?

MÃE: Bem melhor, meu filho!

FILHA: Mãe, vai com a vermelha.

MÃE: Tem razão! Vermelha!

Buzinas do lado de fora.

MÃE: Vamos! Vamos! Se não seu pai...

Eles saem. Apressados e muito felizes.

Pyrague

Aleksander (homem de 50 anos, com um forte sotaque) se prepara para o trabalho.

Parece ser um pipoqueiro.

Coloca seu uniforme: calça, colete e um chapéu sem aba – todos da mesma cor.

Entra um oficial do departamento de investigações.

Enquanto conversam, Aleksander organiza seus artefatos para preparar a pipoca.

OFICIAL: Henrique foi ao cinema.

ALEKSANDER: O que?

OFICIAL: Henrique, o filho do delegado Pedro Diaz, foi ao cinema. O delegado esteve aqui desesperado e disse que você não deve começar a ação até que ele encontre o filho.

ALEKSANDER: Não posso esperar muito. Só temos meia hora. O filme começa em 15 minutos. Eu entro na sala do cinema depois. Espero uns 15 minutos.

OFICIAL: Você espera o tempo que for preciso. São as ordens do delegado. Te dou o comando, ok? O delegado foi agora pra porta do Splendid procurar o filho. Ele leva o garoto pra casa, e você faz como tem que fazer.

ALEKSANDER: Eu saio limpo, né?

OFICIAL: Já disse que sim.

ALEKSANDER: Só pra garantir.

OFICIAL: Você sai limpo.... Vão pensar que é um acerto de contas, caso de traição conjugal. Ou melhor: um atentado dos esquerdistas. O departamento de investigação prende algum barbudo e fica tudo certo. Você acaba com Duarte, e saímos por cima.

Enquanto Aleksander pega uma arma e prepara a munição, treina com um sotaque estrangeiro muito carregado: "Olha a pipoca. Quentinhaaaa. Quem vai querer? Uma é cinco, três é dez. Quem vai querer?"

Escutamos o barulho das pipocas se estourando na pipoqueira.

Isso não é verdade

Porão de uma casa.

Crianças brincando com lanternas e fotogramas.

JORGE: ...E aí ele vai apontar bem para o outro homem. É quando o outro homem percebe que tem alguma coisa errada. Por isso ele se volta para trás. Os dois ficam um de frente pro outro. O primeiro homem com a arma apontada pro segundo homem. O segundo suando frio.

ROBERTO: Por que ele quer matar o outro homem?

JORGE: A gente ainda não sabe por quê. A gente só viu o homem apontando a arma pro outro, preparando tudo. Indo atrás dele. A gente escuta a respiração do segundo homem, agora ofegante. Foi pego de surpresa.... E de repente, ele reage. Pega sua arma... com agilidade. O outro dispara. Os dois disparam. O segundo homem rola no chão e se esconde por trás de um barril. Duelam. Pá-pá-pá-pá.

ROCIO: Não quero escutar!

ROBERTO: E aí?

JORGE: O segundo está ferido na perna. Sua perna está aberta. Tem muito sangue. Quer ver?

ROCIO: Não quero nem ver! Não quero.

ROBERTO: Me mostra! Me mostra!

JORGE: Você ainda não viu nada. Só está no início. Não viu a cena em que um outro homem vai ter a testa e o coro cabeludo cortados por uma faca. Sangra muito. O homem grita, grita, até morrer.

ROCIO: Que horror! Não te dá enjoo ver esse sangue todo?

ROBERTO: É só um filme!

JORGE: Olha só essa parte! Quando o homem vai matar o outro!

ROBERTO: Deixa eu ver!

JORGE: Eu consegui pegar várias partes desse mesmo filme. Só com essas partes aqui, vocês podem imaginar o resto do filme!

ROBERTO: E o doutor Afonso deixa você pegar?

JORGE: Ele nem vê. Só quer saber da bilheteria. Toda vez que uma parte queima e tem que cortar o rolo, eu pego o fotograma. Pro doutor Afonso não faz diferença nenhuma.

Continuam a observar os fotogramas.

ROBERTO: Uau! Olha só esse aqui! Me dá esse?

ROCIO: Deixa eu ver! Vendo aqui assim, até que nem dá tanto medo!

ROBERTO: Mas quando tá projetado, e você vê tudo isso grande, bem na sua cara...Aí é bem diferente!

ROCIO: Que estranho! A imagem aqui fica parada! Mas por que quando a gente vê no cinema aparece em movimento?

JORGE: É só ilusão. É um tanto de imagem parada que passa tão rápido que engana o olho da gente.... Olha essa cena que eu acabei de te contar...

Eles observam fascinados os fotogramas.

A Comissaria

Comissaria de polícia

Ao fundo, uma mesa, onde se encontra um aparelho de som.

Eduardo está sentado numa cadeira. Fuma um cigarro. Manuel entra, veste um casaco, se prepara para sair.

EDUARDO: Intervalo?

MANUEL: Liberado mais cedo. E você?

EDUARDO: Dando uma pausa.... Acho que ainda vai durar um tempo. Caso complicado!

MANUEL: Quem é?

EDUARDO: Pablo Vera.

MANUEL: O pássaro?

EDUARDO: É..... Foi pego com dois documentos falsos. Agora tenho que descobrir pra quem e onde será o ponto da entrega.

MANUEL: Não abre o bico de jeito nenhum?

EDUARDO: Alarme falso. Disse que seria no Cinema. Tá falando qualquer merda, eu acho.

MANUEL: Dá mais uma pressão.... Talvez seja mesmo no cinema. Vai saber?

EDUARDO: Não é possível! Seria muita cara de pau!

MANUEL: Pelo visto, o Splendid hoje vai estar agitado... Se terminar antes das 9, e quiser tomar uma cerveja, passa lá em casa depois.

Manuel sai. Eduardo termina de fumar o cigarro. Espreguiça. Fica de pé. Vai até o final da sala.

EDUARDO (*fala alto, para alguém que está em outro cômodo*): Final do intervalo. Vamos recomeçar!

Do lado de fora da cena, escutam um choro e uma respiração ofegante.

Eduardo vai até o fundo da sala. Liga o aparelho de som que está sobre a mesa. A polca começa a tocar, muito alta.

Quando está quase fora de cena, outro comissário entra.

COMISSÁRIO (*alto para ser escutado*): Eduardo!

Eduardo volta-se para trás. O comissário vai até o aparelho de som e desliga-o.

COMISSÁRIO: Por agora não é mais pra ligar a polca.

EDUARDO: Como assim?

COMISSÁRIO: Pode continuar seu trabalho, mas sem polca.

EDUARDO: E a barulhada? A rua inteira vai ouvir.

COMISSÁRIO: São ordens de cima.
EDUARDO: De acordo, comissário.

O Senhor Ramon não consegue escutar a rádio

Senhor Ramon está sentado. Escuta o rádio.

RÁDIO: ... A cidade também se prepara para mais inaugurações sob a inspiração de nosso ilustre presidente. 11 de Setembro – Hotel Guarani; 22 de Setembro – Estrada 062; 30 de Setembro – Laboratório de técnico-eletrônico. *(Dingo)* São 20 horas e 45 minutos, e daqui a pouco começa a sessão de “Bomba na selva do terror”...

A polca começa a tocar. De repente, para. Seu Ramon se sente aliviado.

Pouco tempo depois, a cena é tomada por gritos de desespero e dor.

Senhor Ramon se assusta. Fica imóvel e aterrorizado.

Os sons continuam.

A cena escurece.

QUADRO FINAL

Projeção.

Pessoas entrando numa sala de cinema.

Vemos os personagens que passaram pela história (Henrique e sua namorada, o delegado Pedro procurando pelo filho, Natália e Mauro com seus disfarces...)

O filme começa. Tiroteio. Gritos. Desespero.

O filme se queima.

“Cine Splendid” foi livremente inspirado no caso “El crimen em cine Splendid”, um entre os vários crimes camuflados e não devidamente julgados durante o regime ditatorial de Alfred Stroessner (Paraguai 1954-1989).